

JORNAL DO

grão de chã

ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

ANO IX - NÚMERO 32 - DEZEMBRO DE 2005

Muita arte no final do ano!

Exposição de arte



Música

Muita música pelos
ares do Grão

pág. 3



Fórum

Pais representam
cenas do cotidiano

pág. 2

Dormir fora de casa!!!

O primeiro
acantonamento a
gente nunca esquece

pág. 8



Apresentação do Circo Grão de Chão

Todo ano é a mesma coisa... Próximos a data da exposição, estamos todos excitados, nervosos, refazendo alguns processos e querendo muito que o dia chegue.

Os pais não sabem dos detalhes, mas devem imaginar o trabalho que dá organizar este evento. Temos várias reuniões agendadas (a partir de setembro) e a organização depende de muitos fatores. Este ano, o destaque foi a preparação da instalação.

Normalmente, a instalação é concebida pelas professoras de Artes Visuais, que discutem alguns temas, pensam os espaços, criam e planejam as formas de aplicação nas aulas de artes. As crianças participam do processo de construção e no final, os trabalhos realizados são colocados juntos para a montagem (que é sempre feita pelas professoras, na 6ª feira que antecede o evento).

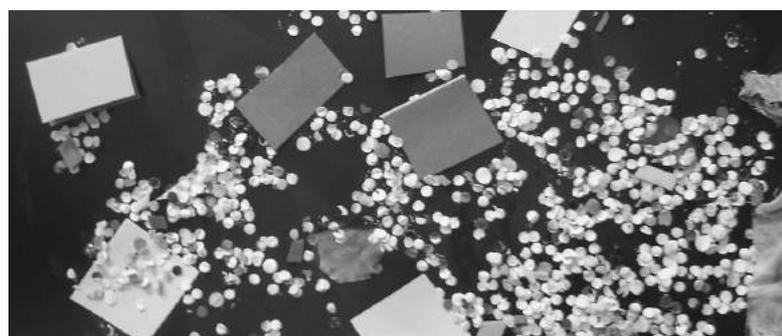
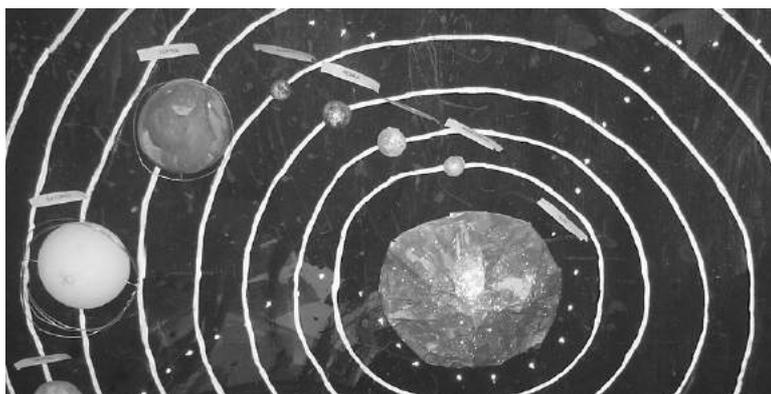
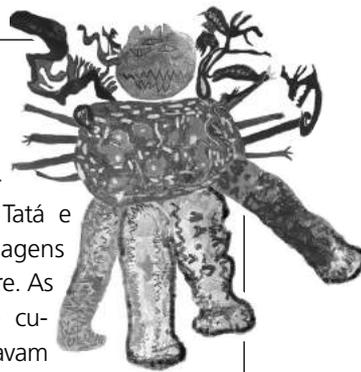
Na avaliação de anos anteriores, a equipe de professores sentia falta da participação das crianças na finalização e na visualização da montagem. Decidimos então, este ano, começar a montagem na 4ª feira, durante o período de aula.

Rodeadas pelas crianças, demos

vida ao Gigante, aos lobisomens, ao Boi Tatá e outros personagens do nosso folclore. As crianças muito curiosas, não paravam de perguntar, questionar, observando todos os detalhes da montagem (super críticos são os nossos alunos!!).

O legal foi perceber que mesmo sem "o elemento surpresa", pois todas já tinham visto boa parte da instalação pronta na 5ª feira, ela não perdeu o seu encantamento. Quem entrou por uma porta, saiu por outra e quem quiser que conte outra.

Lucília Franzini, curadora da exposição, professora e coordenadora de artes visuais



Fórum cenas do cotidiano de pais e filhos

OFórum realizado em 30 de agosto, na Livraria Cortez, foi mediado pela psicóloga Sílvia Regina Petrilli e dividido em três blocos.

Na abertura constatou-se o grande número de dúvidas trazidas pelos pais, e os participantes foram divididos em quatro grupos. A proposta era que cada um desenhasse uma situação da família para discussão dentro do grupo.

Nos grupos, a apresentação de cada desenho gerou debates ricos e animados e foi escolhida uma situação para ser representada estaticamente. Na parte final, cada grupo apresentou sua caracterização para ser interpretada e discutida por todos, inclusive com possibilidades de mudanças do cenário.

Essa dinâmica foi interessante e construtiva. Um ponto muito significativo, na minha opinião, foi o debate interno nos grupos, quando – desprovidos de qualquer preconceito – pais e mães apresentaram seus problemas e expuseram suas preocupações.

Algumas situações, já superadas por alguns, tornaram-se um alerta para os demais e até aquelas que às vezes não percebemos passam a nos chamar atenção. Ficou bastante claro para mim que essa participação aberta é fundamental para encontrarmos soluções e trocarmos valiosas experiências.

Novamente, a comunidade Grão surpreendeu de forma muito positiva pela liberdade que sugere e pela confiança que inspira. É muito interessante notar como a participação das pessoas de uma forma sincera promove um ambiente em que todos acabam se envolvendo e se descobrindo.

Maurício

(pai da Fernanda do G6M e do Lucas G3M)





Apresentando os instrumentos de percussão



Os projetos desenvolvidos nas Oficinas de Música sempre contam com a participação dos pais músicos, convidados a apresentar-se para todos os agrupamentos. Essa é uma experiência significativa e mobiliza as crianças, que

ficam completamente hipnotizadas pelos sons, pela variedade de instrumentos e ritmos musicais.

Durante os primeiros meses do segundo semestre deste ano, foquei as oficinas em histórias, danças e músicas da capoeira. Os instrumentos de percussão foram especialmente utilizados e, então, surgiu a idéia de chamar o Ari Colares, pai da Isabel – G5T, percussionista maravilhoso, que fecharia o trabalho com chave de ouro.

Ari trouxe uma variedade enorme de instrumentos. Além de contar um pouco sobre a história de cada um, explorou materiais, timbres e ritmos. Professores e alunos ficaram entretidos todo o tempo e puderam, no final da atividade, experimentar os instrumentos trazidos. Foi um prazer ter o Ari aqui com a gente!

Apresentação Musical Exposição

Quando telefono perto da época da Exposição, os pais músicos já sabem: é o convite para uma apresentação no Grão. Nesse ano convidei até o Fred, avô da Sofia e da Manuela, que logo se prontificou a vir e a fazer-nos suspirar com as lindas canções que escolheu para ouvirmos.

Às vezes a agenda atrapalha. Foi o caso do Ari Colares, do Zeli e do Max Castro. Mas a disponibilidade é sempre grande, e acabamos sendo presenteados. Neste ano, com a participação de Bruno e Patrícia (pais do Arthur – G6T), Fernando (pai da Beatriz e da Flávia Meme – G4M e G2M), Ricardo (pai da Victória – G4T), Arnaldo (pai do Tomé – G3T), Taciana (mãe da Luzia – G4-T) e Antonio (pai da Manuela – G4T). A apresentação dos nossos cantores Beatriz, Flávia, Victória, Manuela, Luzia e Tomé foi uma revelação!

Contamos sempre com a apresentação de ex-

alunos, que nos surpreendem a cada ano com sua performance. Davi, Lior e Isadora estão de parabéns pela trajetória musical!

O evento foi fechado com a apresentação do grupo de capoeira angola dos alunos do Grão com o professor Cristiano Costa. É sempre um prazer acompanhar a evolução de nossas crianças e o repertório de músicas trabalhadas.

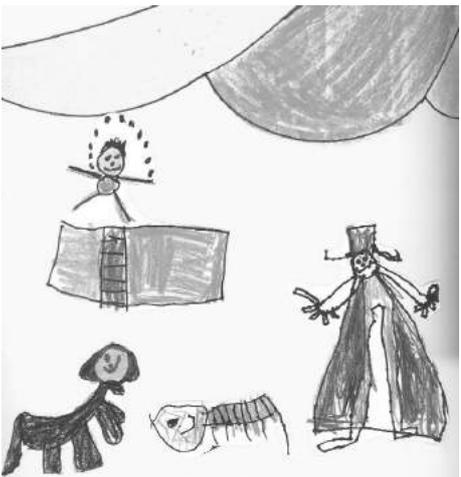
Acho que todos compartilham da sensação de que a tarde musical foi maravilhosa para adultos e crianças! Obrigada a todos os participantes e até o ano que vem!

Maria Cecília Franzini – coordenadora e oficina de música do Grão



Muita música pelos ares da escola

Com vocês: os bastidores do



Não foi difícil coordenar o trabalho das Oficinas de Teatro e de Jogos neste semestre, pois os professores e as crianças já tinham escolhido o tema: Circo. Estavam todos empolgados e cheios de idéias!

Quando começamos a pensar no projeto, percebemos que tínhamos uma enorme quantidade de material e que seria mais significativo para as crianças, se todos pudessem passar por todas as vivências e, então, escolher o que mais gostariam de fazer. Estava claro, desde o começo, que a síntese do processo seria um grande espetáculo.

Nas Oficinas de Teatro foram exploradas as personagens mais marcantes do Circo: o mágico, os palhaços, bailarinas, seres

extraordinários (mulher barbada, pessoa de duas cabeças, gigantes e anões), bichos e domadores, além das chulas. As fantasias ajudaram nas transformações e a criatividade das crianças foi enorme.

As Oficinas de Jogos foram dedicadas às atividades ligadas ao corpo: equilíbrio, malabarismo, trapézio, contorcionismo, pés de lata e dança. Foi empolgante acompanhar a performance de todos, que se divertiram muito.

Cada etapa foi vivida com entusiasmo e, aos poucos, cada um escolheu seu número e criou sua personagem para o grande dia! A apresentação foi muito esperada, e a pipoca, uma exigência!

O espetáculo foi bem elaborado pelos professores, que estão de parabéns pelo maravilhoso processo e marcante resultado. As crianças, por sua vez, puderam mergulhar a fundo nesse mundo mágico, que jamais será esquecido!

Maria Cecília Franzini – coordenadora



Grande Circo Grão de Chão



Chula de abertura

HOJE TEM ESPETÁCULO?
TEM, SIM SENHOR

É NO GRÃO DE CHÃO?
É, SIM SENHOR

E O PRÉ O QUE É?
É LADRÃO DE CHULÉ

E O G5 O QUE É?
ENGOLIDOR DE COLHER

E O G4 CADÊ?
TÁ FAZENDO PATÊ?

PAPAI, MAMÃE
VENHAM VER O CIRCO
QUE É LEGAL
E TÁ BEM BONITO

PAPAI, MAMÃE
OLHA O PRESIDENTE
QUE É LEGAL
E ESTÁ BEM CONTENTE

HOJE TEM PALHAÇADA?
TEM, SIM SENHOR

HOJE TEM BICHARADA?
TEM, SIM SENHOR

HOJE TEM BAILARINA?
TEM, SIM SENHOR

HOJE TEM MALABARISTA
TEM, SIM SENHOR

HOJE TEM EQUILIBRISTA
TEM, SIM SENHOR

HOJE TEM
CONTORCIONISTA?
TEM, SIM SENHOR

E O MÁGICO O QUE É?
É LADRÃO DE MULHER!

PAPAI, MAMÃE
VENHAM VER O CIRCO
QUE É LEGAL
E TÁ BEM BONITO

PAPAI, MAMÃE
OLHA O PRESIDENTE
QUE É LEGAL
E ESTÁ BEM CONTENTE

PAPAI, MAMÃE
OLHA O CORAÇÃO
QUE AGORA
É HORA DE EMOÇÃO!!!



Eles estão crescendo...



No ano passado o André resistiu muito a entrar na escola. Até hoje ele inventa todo tipo de pretexto e de desvio antes de se despedir dos pais.

A turma do G-3, enquanto isso, foi desenvolvendo intensa vida social. O Marc passa o dia na casa do Bento, o Bento almoça na casa do Lior, o Lior convida a Lelê... aos poucos, o André se integra a esse circuito. Nas primeiras vezes, foi ele o anfitrião. O Lior, depois o Marc, vieram brincar com ele; mostraram-se convidados educadíssimos, encantadores.

Então chegou o momento que eu temia. O André foi convidado para almoçar na casa da Lelê. Será que ele ia aceitar? A hora se aproximava. Pensei que ele fosse grudar-se em mim, recusando qualquer aventura em casa estrangeira.

Não foi nada disso.

Magnetizado pelo convite, o André mal se despediu de mim: sem beijo, nem tchauzinho, atravessou o portão do prédio da Lelê, com a mochila nas costas, e não olhou para trás.

Li outro dia uns versos do poeta inglês Cecil Day Lewis (pai do ator Daniel Day-Lewis), contando uma experiência semelhante.

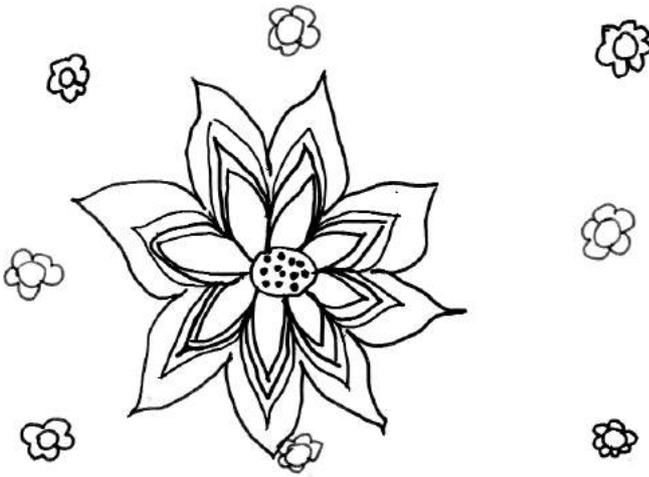
O poeta está vendo o filho mais velho, Sean, jogar futebol na escola pela primeira vez. Depois de um tempo, o menino se afasta do campo, "como um satélite/ distanciando-se da órbita, à deriva". O poeta continua: "Posso te ver/ Indo para longe de mim, em direção ao prédio da escola/ Como uma coisa quase sem penas, entregue/ À mata virgem, com o andar de alguém/ Que não encontra caminho nenhum onde algum caminho devia haver."

Day Lewis conclui: "Tive separações piores, mas nenhuma/ Até hoje consome tanto a minha mente. O que isso quer dizer, de modo simples, talvez seja/ Algo que só Deus pôde mostrar com perfeição: /Que cada pessoa só será ela mesma quando se despedir/ E que o amor se prova ao deixá-la ir."

Em inglês fica melhor, claro: "I have had worse partings,/ but none that so/ Gnaws at my mind still. Perhaps it is roughly/ Saying what God alone could perfectly show--/ How selfhood begins with a walking away,/ And love is proved in the letting go."

Marcelo Coelho, pai do André, G3M

A criança, sua mãe, sua chupeta e a lojista



Tirar a chupeta de nossos pequenos é sempre um tema de nosso interesse. Depois do primeiro ano de vida, nenhum dos pais acha legal seu uso, mas tem enorme dificuldade em tirá-la. A criança acaba, então, utilizando-a até depois dos dois anos.

Nessa ocasião, ela pode ser um fator que prejudique a aquisição da fala. E os pais começam a ir atrás das receitas e de uma almejada solução milagrosa. Todo mundo terá uma história para contar: algumas bem sucedidas, outras sofridas. Há crianças que reagem muito bem e colaboram, sentindo que estão crescendo, outras ficam enfiadas investindo todo seu ódio contra os pais.

Recentemente passei por uma situação que me ensinou muito sobre o tema. Já vinha tentando tirar a chupeta da Flávia (G2M) há alguns meses. Ela abusava de sua chupeta. Qualquer frustração a procurava, não queria tirá-la para brincar e, por fim, nem queria tirar para falar. Embora ela tenha uma boa aquisição da fala, esta estava visivelmente ficando comprometida.

O primeiro passo foi ensiná-la a não utilizar a chupeta durante o dia, mas apenas para dormir. Depois a investida foi que ela jogasse fora a chupeta. Mas, como? Jogar fora? Entramos em uma loja e dissemos o seguinte: “Escolha o que você quiser que, quando você parar de chupar chupeta, vamos lhe dar”. A loja era maravilhosa, e qualquer criança lá fica seduzida. Não foi difícil escolher coisas muito interessantes para ganhar, quando jogasse fora a chupeta. A lojista – esperta esta lojista – logo comentou:

“Sabe, eu conheço uma fadinha que guarda as chupetas e te dá o presente que você quiser”. Não preciso nem dizer que os olhos da Flávia brilharam. “Eu quero, eu quero dar minha chupeta para fadinha!”.

Pois é, e nós pais, insensíveis, queríamos jogar fora aquilo que é um objeto de amor da criança! Quantas vezes essa chupeta já não havia ido para o lixo, sob o olhar angustiado da Flávia, que – minutos depois – entrava em desespero para reavê-la. Nem conseguimos nos lembrar que introduzimos a chupeta provavelmente para, de alguma forma, nos substituir. Que insensibilidade...

Embarcando na deixa da lojista, contamos que a fada transformaria a chupeta dela em estrelinha e, nas noites bonitas, ela, a Flávia, poderia vê-la. Às vezes são espertos os pais da Flávia.

Uma semana depois, levamos suas chupetas para a fadinha. Missão executada. E, naquela primeira tarde, na hora do soninho, um pouco de choro, 15 minutos exatamente, e nada de dormir. Fomos à Festa Junina do Grão e, no fim de tarde, após a festança uma estrela aparece no céu. O Fernando mais que depressa mostrou: “Olhe sua chupeta que virou estrela!”

Ela olhou emocionada, suspirou. Antes de dormir, foi até a janela, deu mais algumas suspiradinhas saudosas, mas se deitou sem pedir pela chupeta.

Ela ainda tem um pouco de dificuldade de adormecer e, às vezes, fica a olhar as estrelas com saudosismo, mas está muito orgulhosa pela conquista.

Podemos tirar disso a seguinte lição: se quisermos tirar a chupeta da criança, devemos lhe conferir seu verdadeiro valor. Para ela não são objetos que ficaram obsoletos, como para nós. São objetos amados e, às vezes, até considerados como parte do próprio corpo. Portanto devemos tratá-los assim.

*Mira Wajntal, mãe da Beatriz (G4M)
e da Flávia (G2M)*



O primeiro acantonamento a gente nunca esquece

Ao receber o comunicado de que teria um acantonamento no Grão, perguntei pra Mari: - “Filha, você quer participar?” E foi assim que começamos a conversar: eu expliquei o significado daquela palavra estranha e tudo que aconteceria e, mais do que depressa, a minha filha disse que gostaria de participar.

Passamos os dias que antecederam falando bastante sobre aquela idéia nova e pensando nas providências que deveríamos tomar como: pedir colchonetes emprestado pro vovô, verificar as pilhas da lanterna etc.

Na sexta-feira, a Mariana acordou e me perguntou pelo quarto ou quinto dia consecutivo - “é hoje o acantonamento?” E, quando eu disse que aquele era o dia, foi a maior festa! Ela começou a escolher as roupas, a lembrar que tinha de levar escova de dente, de cabelo, lençol... Passamos a manhã organizando tudo e curtindo cada momento, foi uma super experiência.

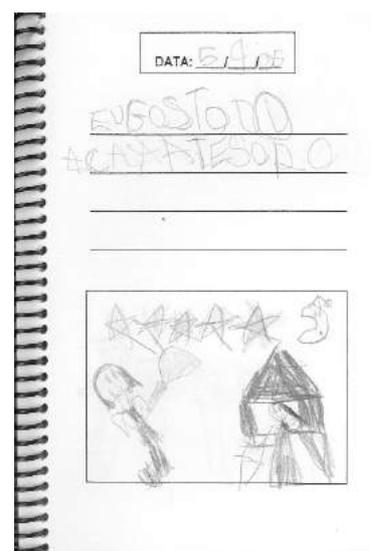
Levei a Mari pro Grão, e o Marcos foi buscá-la. A euforia era tanta, que ela nem quis jantar direito: tomou um pouco de suco, escovou os dentes e lá fomos nós de volta para o Grão. Fui orientada que deveria arrumar a cama da Mãe e deixar seu pijama separado. Enquanto eu fazia isso, fiquei pensando o quanto tudo aquilo seria legal para o desenvolvimento da minha filha

e que oportunidades como essas não devem ser desperdiçadas nem pelos pais, nem pelas crianças.

A Mari já estava correndo pelo Grão, quando o Marcos e eu a chamamos para mostrar-lhe onde dormiria. Foi, olhou e saiu correndo para brincar de novo, não dando muita atenção para aquele detalhe - DORMIR FORA DE CASA. Nós nos despedimos e fomos embora. Quando chegou a hora de dormir, a Mariana pediu para voltar pra casa, chorando. A Luciene entrou em contato conosco e, depois de algumas negociações, convencemos a Mari a ficar. Às 3h45 da madrugada, ela acordou de novo, com o mesmo pedido, e achamos mais conveniente ir buscá-la.

Chegamos ao portão e fomos recebidos pela Luciene e pela professora Rita, que estavam com o mesmo sorriso de todos os dias, porém estávamos no meio da madrugada e, naquele instante, eu pude me dar conta do quanto o Grão é especial e que atividades como essas ficarão para sempre guardadas, assim como o carinho de todos para com a minha filha.

Marcos e Andréa, pais da Mariana Candeias G3T



Em Outubro saiu uma matéria sobre o nosso acantonamento na revista crescer.

Uma repórter passou uma noite com as crianças e conta em seu texto por que as crianças gostam tanto dessa atividade.